

MR23: E se a culpa não for só dos evangélicos?

Coordenação: Carly Machado (UFRRJ)

Participantes: Mariana Côrtes (UFU), Martijn Oosterbaan (Universidade Utrecht)

Resumo:

Nos últimos anos, comentaristas políticos concluíram que evangélicos conservadores empurraram o Brasil para a extrema direita no espectro político. Apesar de indicações de que não se pode generalizar o campo evangélico, e de propensões a dar visibilidade a setores progressistas, análises sobre Evangélicos tenderam a enfatizar uma coesão eleitoral em 2018, o que vem causando consternação a certas elites brasileiras que se apresentam como anti-bolsonaristas, sejam políticas, econômicas e/ou acadêmicas. Essa mesa se propõe a problematizar essas análises a partir de algumas questões centrais: 1) A concentração de pesquisas sobre o campo evangélico nos últimos anos, e o efeito desta nas análises mais relacionais sobre articulações políticas conservadoras e autoritárias entre campos religiosos cristãos, e em movimentos político-religiosos não cristãos; 2) Uma tendência nessas pesquisas de inferir o “comportamento dos evangélicos” (seja esse moral ou eleitoral) a partir de discursos público-midiáticos de pastores e igrejas. Pretendemos retomar a centralidade de estudos sobre evangélicos baseados em pesquisas etnográficas que assumem como central o emaranhado complexo de suas experiências cotidianas de marginalização, e as profundas mensagens de luta, perseverança, esperança e vitória vivenciadas nestes contextos. O presente debate pretende deslocar o automatismo heurístico que funde pertencimento evangélico e adesão à direita, e busca discutir melhor a agência político-religiosa.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

